

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS

Francisca Nailene Soares Vieira (1); Martha Milene Fontenelle Carvalho (1); Francisca Raquel Miguel de Sousa (2); Rosane Santos Gueudeville (3)

Universidade Regional do Cariri-URCA; fnsoares96@gmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA; marthainclusão@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA; raquelsousa47.rs@gmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA; gueudeville@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva relatar a experiência obtida na atuação como bolsista de extensão no projeto Contageo: Uma aventura às cegas. O projeto utilizou a contação de história adaptada como recurso inclusivo para o público infantil e infanto-juvenil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo procedimento metodológico consistiu num relato de experiência, o qual teve o processo de adaptação e criação de meios inclusivos do projeto já mencionado realizado em 5 etapas: A 1ª etapa consistiu na criação de histórias com uma personagem deficiente visual realizada pela professora Martha Milene; a 2ª na busca de um público alvo para realizar essa intervenção inclusiva e literária; a 3ª etapa consistiu nas leituras e reflexões da história selecionada; a 4ª etapa por sua vez, tratou-se da idealização de fantoches para a contação e a 5ª etapa tratou-se das práticas de contação. Com isso, intervimos indiretamente na sensibilidade das crianças a causas correspondentes a deficiência, bem como do meio ambiente. Portanto, a tarefa de educar e incluir é extremamente complexa e exige atuação de todas as partes, da família, escola, sociedade assim como do Estado.

Palavras-chave:

Contageo, contação de história, recurso inclusivo.

Introdução

A arte de contar histórias é uma prática milenar muito utilizada em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Além de valorizar a oralidade também desperta e estimula a imaginação do público infantil. Atualmente, também tem sido incorporada dentro dos espaços escolares como instrumento proporcionador da inclusão. Conforme Ramos,

A prática de narrar histórias é uma das tantas formas empregadas pelo professor em seu trabalho com a leitura em sala de aula. É muito comum essa prática na Educação Infantil, onde os alunos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno (RAMOS, 2011, p. 21).

Contar histórias é oferecer possibilidades para que o cego, o surdo, assim como as demais pessoas com deficiências possam se sentir sujeitos atuantes e capazes de realizar qualquer atividade de cunho educativo e social.

Tratar da inclusão a partir da leitura e contação tem sido um desafio muito grande, pois é preciso que sejam desenvolvidos recursos táteis, imagéticos e sensoriais para que de fato a criança possa compreender o que, e do que se fala. Como uma criança com cegueira congênita pode participar de uma contação se ela não tem conhecimento dos personagens, das cores e dos objetos?

Para que seja agregado sentido a essa prática, primeiro temos que compreender que os deficientes visuais irão criar uma representação simbólica diferente da nossa. Para auxiliar nesse processo de reconhecimento e possibilitar a compreensão da história se faz necessário ensiná-los o que é e como é cada objeto.

Sendo assim, a audiodescrição que corresponde à situação citada anteriormente exerce a função de recurso inclusivo, uma vez que possibilita a descrição detalhada das situações e permite que os ouvintes deficientes visuais idealizem e imaginem do que se trata.

Consoante Lima,

A tradução visual, aqui na forma de áudio-descrição, pode ser considerada tecnologia assistiva, visto que consiste em uma atividade que proporciona uma nova experiência com as imagens, em lugar da experiência visual perdida (no caso de pessoas cegas adventícias), e consiste em tecnologia assistiva, porque permite acesso aos eventos imagéticos, em que a experiência visual jamais foi experimentada (no caso das pessoas cegas congênitas totais). Em ambos os casos, porém, é recurso inclusivo, à medida que permite participação social das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes (LIMA, 2011, p. 09).

Outro meio desenvolvido é a utilização de histórias com personagens deficientes visuais, deficientes físicos e intelectuais a fim de familiarizar os ouvintes com o que vai ser contado. Essa prática foi desenvolvida na Universidade Regional do Cariri-URCA em parceria com o Geopark Araripe, através do projeto Contageo: Uma aventura às cegas, idealizado pela Professora Mestra Martha Milene Fontenelle.

Para o embasamento teórico pautamo-nos nas reflexões dos autores os quais realizam discussões em torno da contação de história no processo inclusivo, bem como a importância da leitura e literatura para os deficientes visuais, a saber: Preto (2009) Silva e Bernardino (2011), Ramos (2011) e Sousa e Sousa (2016).

Esta pesquisa tem como objetivo relatar a experiência na atuação como bolsista de extensão no projeto Contageo: Uma aventura às cegas. O qual usa a contação de histórias como recurso inclusivo para o público infantil e infanto-juvenil. O mesmo surgiu da necessidade de expandir a ação inclusiva através da literatura, e, portanto, efetivar a sensibilização das pessoas para com os deficientes visuais e pessoas com baixa visão.

A Importância da Contação de História no Processo de Inclusão dos Deficientes Visuais

A contação de histórias para o público infantil vem sendo muito presente nas escolas e está se tornando uma estratégia para estimular a leitura nos discentes. Essa prática tem sido desenvolvida e adaptada às mais diversas necessidades dos educandos, como a da cegueira.

Trabalhar a leitura e conseqüentemente a literatura para o público de deficientes visuais requer algumas atitudes diferenciadas. Ao realizar a contação de história, o docente terá que desenvolver alguns métodos para que seja despertada a imaginação e a compreensão do aluno. Conforme Preto (2009, p. 20) “Com o aluno cego, o professor deve pensar em recursos pedagógicos adaptados para que a criança consiga manipular os objetos de forma autônoma”. Essa autonomia gera autoconfiança e a posteriori o prazer pela atividade.

A pesquisa e a busca por métodos de trabalho apropriados é constante, já que a percepção das crianças cegas se dá de outra forma. Algumas das técnicas trabalhadas para atender esse objetivo de instigar a leitura e a curiosidade são consoante Preto (2009) a leitura tátil, auditiva e olfativa, a partir de um livro com recursos de cheiro ou odor. Visto que o aluno cego busca compensar suas dificuldades visuais se apropriando dos demais sentidos assim como também se utilizando da linguagem oral.

A prática de contar histórias possibilita uma infinidade de possibilidades interpretativas e compreensivas por parte dos alunos com a deficiência. E isso a torna um instrumento de qualidade a ser trabalhado nas escolas. A leitura por si só já promove o despertar da imaginação, no entanto associado à contação tátil e sonora permite a representação do mundo. Como afirma Sousa e Sousa,

A criança com deficiência visual precisa explorar suas possibilidades através da liberdade para manusear, tocar e receber conceitos concretos e abstratos do mundo que o cerca para que possa usar este conhecimento na escola e outros ambientes. E desenvolver atividades artísticas que envolvam dinâmica corporal, dança, teatro com e sem nenhuma adequação em síntese os alunos podem e devem ser inseridos em quase todas as atividades da escola (SOUSA; SOUSA, 2016, p. 47).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Os benefícios gerados pelo ato de contar histórias transcende o âmbito escolar. Além de contribuir no processo de ensino e aprendizagem da criança a contação favorece o emocional, o lado psicológico e social.

Como já disse Souza e Bernardino,

Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive. A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 241).

O auxílio no processo de construção identitária da criança fornecido pela contação é de fundamental importância para o seu comprometimento enquanto atividade pedagógica. Mas, não é suficiente caso toda a gestão escolar não se integre.

Em relação à leitura, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil postula que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p. 143).

Criar projetos capazes de estimular o desenvolvimento integral do deficiente visual é de grande relevância. Portanto, faz-se necessário a análise das carências educacionais desses alunos para promover uma efetiva ação transformadora. A exemplo desses trabalhos tem-se o Contageo anteriormente citado, assim como o trabalho de adaptação de livros infantis.

Ramos (2011) postula que há infinitas possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos no campo da literatura. Todavia ressalta que essa agregação da contação com a literatura não deve funcionar enquanto atividade mecânica e cansativa, mas sim proporcionadora de prazer. Logo, realizar adaptação dos livros infantis a serem usados na contação é um bom método.

A proposta é criar ou mesmo adaptar recursos para promoverem acessibilidade às pessoas com deficiência. Segundo o Art. 208 da Constituição Federal (1988) um dos

requisitos para o ensino é a promoção do acesso e permanência nas redes de ensino, sendo assim, se faz de extrema relevância desenvolver métodos capazes de suprir as necessidades do público com deficiência visual e lhe garantir um ensino de qualidade.

Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo procedimento metodológico consistiu num relato de experiência, desenvolvido através de uma análise das práticas inclusivas destinadas aos deficientes visuais no campo da literatura infantil pelo projeto: Contageo: Uma aventura às cegas.

O processo de adaptação e criação de meios inclusivos na contação de histórias se deu em 5 etapas: A 1ª etapa consistiu na criação de histórias com personagens deficientes realizada pela professora Martha Milene; a 2ª na busca de um público alvo para realizar essa intervenção inclusiva e literária; a 3ª etapa consistiu nas leituras e reflexões da história selecionada a 4ª etapa por sua vez, tratou-se da idealização de fantoches para a contação e a 5ª etapa tratou-se das práticas de contação.

Utilizamos como recursos o tatame, estrutura de madeira para apresentações e o fantoche idealizado, assim como a própria história criada.

O projeto vem sendo desenvolvido em parceria com as escolas da região, assim como com o Geopark Araripe. Em função das novas parcerias o Contageo tem-se realizado no Projeto Casa Abrigo, sediado na quadra da Universidade Regional do Cariri-Urca e uma vez por mês é realizada uma contação de cunho inclusivo neste espaço para os alunos atendidos pelo projeto.

Resultados e Discussão

A Universidade Regional do Cariri (URCA), bem como o Geopark Araripe estão cada vez mais oferecendo oportunidades para as problemáticas de cunho inclusivo através dos seus projetos. Ambos oferecem uma possibilidade de acessibilidade, além de permitir que outras pessoas possam se tornar mais sensibilizados a essas causas.

O Geopark Araripe consoante Araújo, Magalhães e Galvão (2015) é um território de áreas limitadas, constituído de riquezas geológicas, ambientais, arqueológicas, culturais entre

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

outros, as quais constroem um patrimônio científico respeitável mundialmente. Esse conceito vem sendo modificado e hoje o Geopark é visto como um território vivo, constituído em companhia do homem. Logo é imprescindível desenvolver meios que possibilite a todos conhecer suas riquezas, e uma dessas é dar apoio a essas práticas educativas e inclusivas.

O projeto Contageo à medida que surgiu no ano de 2017, ainda quando a professora Martha Milene assumia o cargo de coordenadora do setor de Educação no Geopark Araripe visa promover através das histórias o conhecimento do processo de fossilização, bem como os geossítios da região do Cariri.

A primeira etapa que corresponde à criação das histórias resultou na produção da historinha “Nata vai aos Geossítios”.

Nata vai aos Geossítios

Era uma vez, há muito tempo atrás, no Sul do Ceará, no Cariri, uma região que era formada por seis cidades e ficava na Chapada do Araripe. Você sabe o que lá concentrava? Uma das maiores formações de fósseis do mundo!!!Valha... imaginem só: morar nesse lugar... que incrível seria!

As montanhas que formavam aquela chapada... ah... aquelas montanhas... reuniam tanta, mais tanta beleza, tanta história, que você nem imagina! Essas belezas foram formadas pela própria natureza ao longo de milhões de anos. Acredita?!

Pois era lá nesse local, de tanta beleza, que morava uma libélula linda e cega, chamada Odonata, mais conhecida como Nata. Certo dia, Nata teve a ideia de pegar a sua malinha de libélula, bem pequenininha, e sair mundo Geossítios afora para explorar as belezas que existiam nesse local.

Informação extra: você sabe o que é um Geossítio? Os Geossítios são lugares onde existem muitas riquezas da natureza, como água, plantas e animais de grande importância para o meio ambiente, e também fósseis... que contam a história do passado. São locais ainda em estudo e que atraem turistas e pesquisadores do mundo inteiro.

Lá se foi Nata, com suas asas rápidas, guiada por sua audição, olfato e paladar. Foi parar no primeiro Geossítio, chamado Floresta Petrificada do Cariri, localizado no Sítio Olho D'água Comprido, perto de Missão Velha. Imaginem um olho comprido com água? Valha...

imaginem só: morar nesse lugar... que incrível seria! Nata ficou curiosa. Quem sabe eles não dariam novos olhos para ela? Mas... Nata compreendeu que não era isso. Na verdade, aquele Geossítio tinha uma floresta petrificada que guardava um tesouro valiosíssimo. Ela tentou procurar alguns piratas para buscar esse tesouro...

Como não encontrou, partiu para próxima aventura. Antes de sair, guardou na memória a linda imagem dos troncos que se transformam em rochas. Ela tinha certeza: tinha algo mágico por ali! Aproveitando a viagem, seguiu seu voo direto para o Geossítio Cachoeira de Missão Velha. Nata não teve medo, colocou sua roupa de banho de bolinhas e pulou de uma altura de quase 12 metros.

“*Thibumzim*”! Fez-se um pequeno barulho ao cair na cachoeira. Para tristeza de Nata, a cachoeira estava um pouco poluída. Saiu logo do banho, sentiu um cheiro ruim e, mesmo não enxergando nada, sentiu uma lata em sua pequena cabecinha. Descobriu que a linda cachoeira estava correndo riscos. Saiu de lá triste com essa informação. Tomou um novo banho na torneira de dona Maria e partiu para próximo Geossítio.

Informação extra: E você, está ajudando na preservação do meio ambiente? Reflexão na cabecinha de Nata: “Nisso ela pensou: “que animalzinho teria deixado aquelas pegadas?”

Nata seguiu viagem para o Geossítio Riacho do Meio, situado a 7km da cidade de Barbalha. Chegando lá, conheceu o Refúgio dos Cangaceiros e a Pedra do Morcego. O Morcego apresentou o Soldadinho do Araripe. Assim, Nata fez mais dois amigos. Conversaram sobre a poluição da Cachoeira de Missão Velha. O soldadinho contou que certo dia foi beber água da cachoeira e quase morreu engasgado com um pedaço de plástico. A prosa estava boa, mas já entardecendo Nata teve que partir.

No outro dia, Nata seguiu viagem, e desta vez enfrentou chuva, trovões, mas conseguiu chegar ao seu destino: o Geossítio da Colina do Horto, em Juazeiro do Norte. Lá era tão alto, mais tão alto, que ela chegou quase sem fôlego de Libélula. Lá ela encontrou um Padre bem grandão, chamado de Padre Cícero, de 23 metros de altura. Ele não tinha cores, diferente dela. Nata ainda tentou puxar um papo com ele, mas ele não respondeu. Aproveitou a falta de diálogo para conhecer as rochas mais antigas da região, originadas há aproximadamente 650 milhões de anos. Valha... quantos milhões de anos, né?! As rochas graníticas tinham uma superfície agradável, podendo ser sentida por Nata.

Chegando lá, ela conheceu uma casa de taipa, então aproveitou e adormeceu por lá. Ao acordar, ela apreciou as trilhas ecológicas, tomou banho na Cascata do Lameiro e escutou algumas lendas indígenas. Saiu de lá voando correndo, com medo de ser esmagada pela Pedra da Batateira. Nata era corajosa, mas também tinha seus medos. A próxima parada foi no Geossítio Ponte de Pedra. Fica localizado no Sítio Olho D’água de Santa Bárbara, que liga Crato à Nova Olinda. Passou por cima de uma ponte rochosa natural, que cobre um riacho.

Segundo uma muriçoca muito antiga, que adorava contar histórias, a ponte serviu como trilha para antigas populações. Disse ela que já viu por lá vaqueiros e até índios. Ao sair, a muriçoca gritou para Nata “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Nata ficou tão pensativa sobre a fala da muriçoca que nem percebeu quando chegou ao Geossítio Parque dos Pterossauros, perto de Santana do Cariri. Lá ela encontrou peixe, tartaruga, insetos e plantas. Estava se sentindo em casa, mas estranhou a falta de conversa dos amigos. De repente, ela esbarrou em um grande, enorme, imenso Dinossauro de boca aberta! Nossa... que susto! Nata teve tanto medo, mas tanto, que saiu atirando cocô de libélula por tudo que foi canto do museu.

Nata voou o mais rápido que pôde. Chegou rapidinho ao Geossítio Pontal da Santa Cruz. Colocou seu lindo tênis vermelho, subiu a trilha que leva à Capela e à Grande Cruz. Esperou o pôr do sol e, dessa vez, sem medo de assombrações, adormeceu por lá. Nenhuma assombração era tão assombrada quanto aquele enorme Dinossauro!

Quando acordou, mesmo estando indisposta e com frio, Nata voou para o Geossítio Pedra do Cariri. Chegando lá, Nata já estava muito cansada. Decidiu dormir em cima de uma daquelas lindas pedras. Entretanto, amanheceu um dia chuvoso e, nesse lindo dia, Nata simplesmente não acordou mais. Isso mesmo, repousou para sempre em cima daquela pedra.

Enfim, aconteceu que, no ano de 1990, em uma manhã ensolarada, um trabalhador de escavação foi retirar algumas pedras. E, sabe o que ele encontrou? Nata! Isso mesmo, ela estava lá, intacta e linda, com seus óculos escuros, em cima daquela formosa Pedra Cariri. Ainda hoje, podemos ver e sentir Nata, lembrando sua corajosa aventura.

A história, de autoria da professora Martha Milene Fontenelle Carvalho tem como personagem principal a libélula, Odonata, a qual tem cegueira e um espírito muito aventureiro. Essa sua qualidade busca promover uma reflexão a cerca das múltiplas oportunidades que o deficiente visual pode ter, independente da sua condição.

Consoante Silva e Bernardino,

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científico, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade (SILVA; BERNARDINO, 2011, p. 241).

A partir dessa prática é possível dar estímulos e incentivar a luta pelos direitos e desejos de cada um.

A posteriori a criação da história, foi pesquisado o público alvo do projeto. Como as matrículas de deficientes visuais nas escolas são mínimas, se não inexistentes, definimos então realizar a contação para crianças sem deficiência visual, as quais já faziam parte de um projeto local, Casa Abrigo, apoiado pelo Geopark Araripe.

Com essa escolha já feita visitei o projeto e percebi que as crianças eram multisseriadas e, portanto seria preciso desenvolver um método para que todos pudessem se enturmar. Surgiu então a ideia de usar os fantoches. Criei um fantoche, o qual seria usado para narrar à história.

Figura 1: Recursos utilizados para a contação



Fonte: Douglas Teles

Figura 2: Autora testando o fantoche



Fonte: Douglas Teles

Após essa penúltima etapa realizamos a contação da história da libélula. As crianças demonstraram bastante interesse no fantoche. Para este momento usamos um tatame e uma estrutura de madeira disponibilizada pelo Geopark para fazermos a contação. Devido à diferenciação das idades uns prestaram bem mais atenção que outros, no entanto foi possível ofertar uma atividade diferenciada. Um dos aspectos utilizados para dinamizar o momento e não haver tanta bagunça foi promover um diálogo através do fantoche com as crianças.

Conforme Silva e Bernardino,

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil (SILVA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

Com esse recurso didático utilizado podemos criar um ambiente infantil, assim como um ambiente para indagações e conversas. Fazendo com que pudesse haver uma interação contínua dos ouvintes com o fantoche. Um dos pontos interessantes observados foi a repetição das palavras ditas pela contadora (fantoche) reeditas pelas crianças, como se elas também estivessem contando.

Após essa ação foi possível refletir sobre o impacto causado nas crianças ao contarmos uma história. Também nos direcionou quanto a melhorias que deverão ser tomadas para que o objetivo do projeto prevaleça. Ou seja, contar, incluir e ensinar, sobretudo o respeito para com o outro.

Com isso, intervimos ativamente na sensibilidade das crianças a causas correspondentes a deficiência, bem como do meio ambiente.

Conclusões

O contato com o público infantil e infanto-juvenil possibilitado pelo projeto Contageo: uma aventura às cegas, nos abriu muitos horizontes. Um deles é a pesquisa constante de meios e recursos a serem utilizados para promover acesso e permanência na escola. A proposta deste trabalho era analisar e descrever as atitudes tomadas para o trabalho com a literatura adaptada usada para contação. Frente a esse propósito conciliamos teoria à prática, bem como a imaginação.

Pensar em acessibilidade é pensar em oportunizar a outros um futuro digno e isso a lei já garante, porém é fundamental um conjunto de ações para que de fato se efetive. Uma delas é a preparação do profissional para lidar com as deficiências e com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos, um outro é pesquisar constantemente por melhorias práticas e acessíveis.

Portanto, a tarefa de educar e incluir é extremamente complexa e exige esforço de todas as partes, da família, escola, sociedade e Estado. Cada um exercendo suas funções e auxiliando uns aos outros é possível tornar os deficiente visuais capacitados para progredirem no campo escolar e profissional.

Referências

ARAUJO, O. H. A; MAGALHÃES, C. J. S; GALVÃO. M. N. C. **EDUCAÇÃO: possibilidades e perspectivas no Geopark Araripe**. In: Osmar Hélio Alves Araújo; Célia de Jesus Silva Magalhães, Maria Neuma Clemente Galvão. (Org.). **Do contexto literário à reflexão sobre a educação na contemporaneidade: educação em mosaico**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 93-103.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília DF: Senado, 1988. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

Acesso em: 15 de maio de 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 27 de mar de 2018.

LIMA, F. J. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado**. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 7, n. 7, 2011.

Disponível em:

<http://www.associadosdainclusao.com.br/enades2016/sites/all/themes/berry/documentos/08-introducao-ao-estudo-do-roteiro.pdf>. Acesso em: 10 de Junho de 2018.

PRETO, V. O. **Adaptação de livros de literatura infantil para alunos com deficiência visual**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade Estadual Paulista, Marília.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 2011.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SOUSA, A. C. L; SOUSA, I. S. A inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar. In: **Estação Científica (UNIFAP)**. Macapá, volume 6, Nº 3, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/2310>. Acesso em: 02 de Junho de 2018.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**. Cascavel. Vol. 6, n. 12, jul./dez. 2011, p. 235-249.